

OVERWATCH®

VALQUÍRIA



*UM CONTO DE MICHAEL CHU*

# VALQUÍRIA



*HISTÓRIA*  
*MICHAEL CHU*

*ILUSTRAÇÕES*  
*NESSKAIN*

*VISUAL MERCY DRA. ZIEGLER E CONCEITO ORIGINAL*  
*ARNOLD TSANG*

*MODELO DE MERCY DRA. ZIEGLER*  
*HONG-CHAN LIM*

*MODELO ORIGINAL DE MERCY*  
*HAI PHAN*

*LAYOUT E DESIGN*  
*BENJAMIN SCANLON*

*TRADUÇÃO*  
*NATALIA FERREIRA, MARIANA BARROS*



# VALQUÍRIA

---

Gostaria de lembrar as últimas palavras que minha mãe me disse antes de sair de casa com o meu pai naquela manhã, anos atrás. O dia estava frio e nublado, e uma neblina densa pairava sobre tudo, inclusive minhas memórias. Foi a última vez que vi meus pais vivos. Eles eram voluntários em um hospital da vizinhança, numa época em que todos estávamos tentando lidar com as consequências dos ataques devastadores à Suíça, quando as forças ômnicas invadiram a Europa durante a Crise. Meus pais morreram lá, num bombardeio. Nunca nos permitimos acreditar que as pessoas que amamos vão desaparecer e raramente estamos preparados para dizer adeus quando chega a hora. Nos dias que se seguiram, todos me garantiram que a minha dor passaria com o tempo, mas, até hoje, ela volta ao menor lembrete.

Em dias como estes, por exemplo, em que estou trabalhando no acampamento humanitário na periferia do Cairo. Todo dia, temos que enfrentar uma quantidade imensurável de problemas. Moro no Egito há quase dois anos, mas ele é apenas uma das muitas casas que tive desde que deixei o cargo de chefe de pesquisa médica da Overwatch. Minha reputação profissional ficou tão manchada que eu precisava de uma mudança. Morei na Polônia, na Coreia do Sul e na Venezuela, onde só me conheceram como a Dra. Angela Ziegler. Não como Mercy. Os projetos a que dediquei quase uma década de vida foram descartados, vendidos ou passados para outras mãos. Os poucos amigos que fiz na Overwatch se dispersaram.



Sei que a Lena continua ajudando onde pode, apesar de tudo o que aconteceu e dos riscos envolvidos. Reinhardt está viajando pela Europa, levando a coitada da Brigitte junto com ele, enquanto a Sojourn está no Canadá, tentando não chamar atenção. E o Genji está ocupado, como sempre. Da última vez que tive notícias dele, soube que estava voltando para casa para encontrar o irmão. Torbjörn foi o mais sensato de todos nós: se aposentou e voltou para Gotemburgo e para a Ingrid. Mas, para todo lugar que eu ia, sentia os ecos da Overwatch e da minha própria culpa pelos problemas que deixamos para trás quando tudo desabou. E foi isso que me trouxe ao Egito. A Overwatch foi responsável por grande parte do sofrimento do país, e eu precisava ajudar a recuperá-lo. Mas não fui bem recebida. Volte para casa, diziam. Vocês já causaram estragos demais.

Mas a verdade é que, nos momentos de necessidade, as pessoas ainda esperam a nossa ajuda, mesmo depois de tanto nos ofender.

Não virei médica para receber agradecimentos.



Jack Morrison até que estava bem para um morto. A morte não suavizou o queixo quadrado nem endureceu o semblante inocente, que o deixava com ar de uma pintura do Norman Rockwell, mesmo com as cicatrizes espalhadas pelo rosto. Senti que as maiores cicatrizes estavam na cabeça dele, apesar da ferida purulenta nas costas. Foi ela que o trouxe ao meu apartamento quase vazio, próximo ao mercado tradicional de Khan el-Khalili. Quando o pressionei a contar mais detalhes, Morrison se mostrou reservado, como de costume. Ele sempre foi o exemplo clássico de paciente problemático.

“A única coisa que pode matá-lo é a teimosia”, disse uma voz vinda da cozinha.

A mulher que tinha falado, Ana Amari, vasculhava os armários em busca de chá, como se estivesse na própria casa. Pelo jeito, Morrison não era o único a passar por uma recuperação milagrosa: achávamos que Ana tivesse sido morta por uma franco-atiradora na Polônia, mas lá estava ela. Parecia mais velha e mais magra, revelando uma certa fragilidade que, pela primeira vez desde que a conheci, me fez vê-la como mortal. Ainda tinha a postura elegante de oficial do exército. A rispidez havia sido suavizada, e Ana apresentava uma delicadeza que eu nunca tinha notado nela.

“Posso tentar fazer alguns exames, mas não tenho o equipamento necessário”, expliquei, aplicando um spray anestésico de selagem nas costas de Jack. “Isso aqui é um acampamento médico, não um laboratório de genética.”

“Não estamos com tempo de sobra”, respondeu Morrison, secamente. “Só preciso de uns kits médicos. Posso me virar com eles.”

“Vou ver o que posso arranjar para você.” Pensei no trio de granadas bióticas que ele carregava e nos dardos enfileirados na cartucheira de Amari. Itens roubados da Overwatch, ou, no caso dos dardos, adaptados de uma tecnologia que eu desenvolvi e produzidos sem a minha permissão. Mais um exemplo de como a minha passagem pela Overwatch não tinha saído como o esperado. Minha

irritação me surpreendeu: eu deveria estar feliz de ver o Jack e a Ana vivos. Mas eles eram uma manifestação física de algo do qual eu estava tentando fugir, e eu podia sentir uma barreira se erguendo entre mim e o que quer que tivessem trazido consigo.

Examinei as caixas de provisões que serviam de mobília na sala: em sua maioria, continham rolos de gaze, frascos lacrados de antibiótico e outros aparatos médicos. Não seriam de grande ajuda para a situação do Morrison. A marca da Overwatch era tão profunda que, até hoje, anos depois da dissolução, seus ecos podiam ser sentidos por toda parte, da infraestrutura arruinada do Egito à banalidade de um pacote azul-claro de curativos. Para ser sincera, escapar da Overwatch era... um objetivo otimista.

Jack começou a vasculhar algumas caixas, retirando o conteúdo e fazendo uma pequena pilha ao seu lado. “O que você está fazendo aqui, Angela?”

“Tentando encontrar kits médicos”, retruquei. “Como você pediu.”

“Não foi isso que eu quis dizer.” Ele estava examinando um aparelho de radiografia especialmente caro com uma expressão inquisitiva. “O que está fazendo no Cairo?”

“É um assunto delicado.” Olhei para ele com raiva, tirei o dispositivo de suas mãos e joguei de novo na caixa, com um baque que me fez estremecer. Soltei um suspiro que eu não sabia que estava segurando. “Tem gente aqui precisando de ajuda.”

O que eu estava fazendo ali? Disse a mim mesma que estava tentando ajudar. Que havia pessoas que precisavam de mim. O Egito estava passando por muitos problemas, mas nem todos estavam dispostos a dar uma mão, e muitos se aproveitavam da situação do país. Não era glamuroso e emocionante como minhas outras bases, mas era um lugar útil, sem polêmicas.

“Tenho certeza de que você se daria melhor num hospital ou no laboratório de alguma universidade”, comentou Ana, depois de encontrar as folhas de chá de que gostava.

“Pelo visto, ser uma ex-agente ilustre da Overwatch não é o tipo de experiência que as pessoas buscam no seu currículo”, revidei. Respirei fundo. Era como se os anos não tivessem se passado, como se ainda estivéssemos no meio das discussões acaloradas que surgiam quando estávamos todos juntos. “Prefiro não chamar muita atenção. Pelo visto, não posso dizer o mesmo de vocês.”

Jack franziu o cenho. “Pelo menos meus inimigos sabem que estou indo atrás deles.”

“Seus inimigos?”, perguntei, incrédula. “O governo dos Estados Unidos, o maior banco da Alemanha, a Helix Segurança... Esqueci de alguém?”

“A LumériCo.” Jack teve a ousadia de soar orgulhoso de si mesmo.

“E a maior empresa de energia do México. Que, por acaso, é chefiada pelo ex-presidente do país, um herói de guerra muito popular, amado por todo o povo.” Suspirei. “Esse tipo de inimigo não vai melhorar sua reputação.”

“Os danos colaterais são inevitáveis em uma guerra”, ponderou Morrison, dando de ombros.

“Você sempre foi bom em racionalizar as coisas”, comentei. Eu sabia que, em sua função anterior, ter o pensamento flexível era crucial para a sobrevivência, mas, aparentemente, essa característica continuava presente em sua nova vida.

“Estou cada vez mais perto de descobrir quem foram os responsáveis. Estou me aproximando da verdade.” O fervor em sua voz beirava a obsessão.

“A verdade?”, perguntei com indiferença.

“A verdade sobre o que aconteceu com a Overwatch. Sobre a Talon. A Suíça. Sobre tudo. Essa é minha nova missão.”

“Não parece tão nova. Tirando as máscaras.”

“O que preferia que eu fizesse, então?”, vociferou Jack. “Voar para Gibraltar e me juntar ao Winston? Você acha que as pessoas que derrubaram a Overwatch não vão fazer o mesmo com ele?”

Winston sabia que as tensões estavam aumentando no mundo e via a Overwatch como solução para tudo. Acho que ele nunca se perguntou por que as

coisas deram errado. Ele amava e precisava demais da organização para enxergar como ela havia nos prejudicado e mudado. Estar naquela sala com o Jack e a Ana só reforçava a ideia de que ainda éramos seres quebrados. Fazer as mesmas coisas que fizemos no passado só levaria a outro desastre. O mundo não precisava daquilo. Winston tinha boas intenções, mas isso não significa que estava certo.

“Deixa o Winston brincar de herói”, desdenhou Jack. “Eu vou fazer o que precisa ser feito. Reyes, Ogundimu, Maximilien, Vialli, Sombra, O’Deorain e todos os outros... Vou dar um jeito neles.”

Reyes. Senti calafrios só de ouvir o nome dele. Eu pensava ter enterrado os três: Morrison, Amari e Reyes, mas seus fantasmas voltaram para me assombrar.

“Todos nós fomos responsáveis, Jack. A Overwatch não existe mais. Sua vingança pessoal não vai mudar nada.”

“Alguém tem que fazê-los pagar. Vou atrás de justiça.”

“Justiça”, zombei. Eu podia ver que a dor o consumia e afligia. “Se continuar desse jeito, vai provar para o mundo que a Overwatch realmente se tornou aquilo que ele temia. Queria que você enxergasse isso.”



Quando pisei no escritório do Morrison pela primeira vez, há tantos anos, as coisas eram bem diferentes. Eu estava motivada e tinha um brilho no olhar, recém-chegada do cargo de chefe de cirurgia no hospital universitário de Zurique. Minha primeira impressão foi de ter entrado num museu. As paredes estavam cobertas de fotos do Morrison com vários chefes de Estado e com a equipe de ataque, além de lembranças do seu tempo no exército. Havia uma estante cheia de livros, coleções de vários volumes sobre história mundial, incluindo uma edição antiga, com capa de couro, da História da Guerra do Peloponeso de Tucídides e biografias de generais ilustres, tudo bem organizado. Havia um tabuleiro de xadrez no balcão, com um jogo interrompido, e, ao lado, uma cópia gasta de Minhas Melhores



Partidas de Xadrez, de Bobby Fischer. E atrás da grande escrivaninha estava o próprio Jack Morrison.

“Dei uma olhada no seu artigo. Excelente. Me deu uma ideia”, comentou ele. Estava se referindo ao meu artigo recém-publicado sobre cura nanobiótica. Eu acreditava que ela poderia revolucionar os tratamentos médicos, não apenas no consultório, mas em toda a estrutura da profissão. Era difícil ter paciência, e eu achava que a Overwatch me daria a oportunidade de pôr minhas ideias em prática mais rápido do que qualquer outra organização.

“Você leu meu artigo?”, perguntei incrédula. Não conseguia imaginar aquele homem perscrutando um artigo científico que a maioria dos mestrandos teria dificuldade para entender.

“Acho que consegui pegar o básico.” Jack deu uma risadinha. Não insisti mais no assunto para não incomodá-lo, afinal, ele estava me oferecendo as chaves do paraíso.

“Tento escrever resumos bem acessíveis”, respondi sorrindo.

“Angela, gostaria que você entrasse para a Overwatch como chefe das pesquisas médicas. Com nossos recursos, podemos ajudá-la a desenvolver sua tecnologia nanobiótica. Imagine como isso vai mudar a vida das pessoas. Você pode aumentar a expectativa de vida de toda a população mundial.”

Eu já tinha imaginado. Com os avanços na inteligência artificial e uma linha de produção séria, a tecnologia biótica poderia ser levada para todas as partes do mundo. Mais pessoas teriam acesso à assistência médica, e os tratamentos seriam mais rápidos. Criaria novos paradigmas na medicina. E Morrison estava me prometendo esse futuro.

“Dinheiro, recursos, mão de obra. Sei que você é o tipo de pessoa que prefere fazer as coisas do seu jeito, e isso seria possível. É você quem manda. É você quem dita as regras.”

“Outro pós-doutorado até que cairia bem, comandante”, falei. “Tem algum dando sopa por aí?”

“Você ficaria surpresa com as coisas que consigo arranjar”, respondeu Morrison, dirigindo o olhar para a janela que dava para o pátio abaixo. Uma fileira organizada de pacificadores de armadura azul cruzava o gramado. “Eu já tenho muitos soldados. Preciso de pensadores. Sonhadores. De gente que queira fazer do mundo um lugar melhor. Você pode estar prestes a fazer uma descoberta que vai mudar a vida de todas as pessoas do planeta. Quero transformar seu sonho em realidade e tirar todos os obstáculos para que você possa focar em revolucionar a área.”

Era uma oferta incrível, parecia a oportunidade perfeita. Mas eu ouvia uma vozinha na minha cabeça sempre que algo parecia bom demais para ser verdade. “All tär inte guld som glimmar” era uma das frases favoritas do Torbjörn. Nem tudo que reluz é ouro. Eu questionava tudo. É um hábito que sempre tive, desde pequena, mas minha educação e proximidade com Torbjörn provavelmente o deixara mais aguçado. Era uma característica favorável, me ajudava na ciência, mas fazia com que os outros não tivessem uma boa impressão de mim. “É uma oferta generosa. Mas tenho algumas ressalvas”, afirmei.

“Pode falar.”

“Quero me concentrar nas aplicações civis do meu trabalho, para os tempos de paz. Não quero criar desculpas para os comandantes da Overwatch mandarem

as pessoas para situações perigosas.”

Morrison juntou as mãos. “A Crise Ômnica já terminou há mais de 10 anos. A Overwatch foi criada para vencer a guerra, mas, agora, ela me deu uma nova missão: fazer do mundo um lugar melhor. Investimos em pesquisa em biologia, química, infraestrutura, climatologia... Todos os esforços científicos que têm como objetivo melhorar a vida da população. Quero que você faça parte disso. Você pode ser responsável por uma das maiores mudanças na vida humana desde a criação dos ômnicos.”

Quando eu olhava para o Morrison, com seu corte de cabelo militar e suas medalhas e condecorações, tudo que eu via era um soldado. Até mesmo sua postura denunciava esse fato. Era como se eu pudesse enxergar os fios amarrados a ele que o deixavam atento, fios tecidos por uma vida inteira de formação militar. Um soldado com o dom de acreditar nas ordens que recebia. Se eu tinha a chance de fazer a diferença, a diferença de verdade, não deveria tentar tudo ao meu alcance para transformar esse sonho em realidade? Mas o Morrison já era um velho conhecido. Fez muito pelo bem da humanidade e tinha gente boa trabalhando para ele, gente que o admirava e respeitava. Eu não tinha dúvidas de que ele acreditava no que dizia. E, mais do que isso, eu queria acreditar nas palavras dele.

“Conheço bem os seus valores, Angela. Já nos conhecemos há anos. Seria um privilégio ter a sua ajuda na nossa missão”, afirmou ele. “Não vai mais precisar se inscrever em edital de bolsa, implorar por novos equipamentos. Vai ter o que quiser. Você tem minha palavra.”

“E os pós-doutorados?” Sorri.

“Quantos precisar.”



Acabei cochilando na minha mesa, mas fui acordada pelo barulho de uma explosão. O chão parecia ranger, e outros impactos menores fizeram as janelas balançarem. As luzes piscaram. Eu podia sentir uma batida de trovões ao longe. Mas, como todos que sobreviveram a uma guerra sabem, uma coisa é o tempo, outra é a guerra. Eu me vesti rapidamente: morava no Cairo há tempo suficiente para saber o que vinha depois do estrondo. Precisávamos preparar o acampamento para receber os pacientes.

Pouco depois, Morrison e Ana surgiram no vão da porta como duas assombrações no escuro. Seus rostos conhecidos foram substituídos por máscaras, e a única expressão visível era uma linha vermelha e um diamante azul.

“O que está acontecendo?”, perguntei.

“As instalações de Anúbis foram atacadas. Temos que ir. Agora.” A voz de Morrison saía distorcida por algum mecanismo da máscara, que cobria a boca. Ela manipulava a voz dele, retirando seus últimos traços de humanidade.

“A Helix vai deixar a situação sob controle. Vocês vão entrar no meio do fogo cruzado.”

“É a Talon”, disse Jack. Eu conhecia aquele tom. Não havia meio de convencê-lo a ficar de fora.

“Angela, há inocentes no meio do conflito. Eles precisam de ajuda, e a Helix não pode socorrê-los”, Ana interrompeu meus protestos. “Você vem com a gente?”

Eu conhecia melhor do que ninguém o estado dos cuidados de emergência no Cairo. Os últimos ataques tinham deixado um rastro de destruição, e boa parte da cidade ainda tentava se recuperar. Eu ainda tinha pacientes nos acampamentos se recuperando do último conflito. A Helix era uma força pacificadora, mas, na minha visão, suas tropas não eram muito melhores do que mercenários. Eles eram pagos para proteger os interesses do governo, e não do povo: substitutos previsíveis da Overwatch. Eu deveria ficar no acampamento. Deveria deixar tudo em ordem e me preparar para fazer a triagem do fluxo de feridos. Eu sabia o que deveria fazer.

“Vou com vocês.”

Eu mantinha o traje Valquíria guardado em um caixote grande. As travas biométricas se abriram com um barulho satisfatório. Tirei os apetrechos, um por um: o peitoral, o visor de comunicação e escaneamento, as cargas bióticas, o sistema de propulsão e o bastão. Todos embalados numa espuma para transporte. Deixados de lado por um bom tempo. Ao correr os dedos pelo peitoral para retirá-lo da embalagem, senti os sinais de dano da minha época no campo de batalha: arranhões e amassados, lembretes de todas as situações perigosas pelas quais passei. Fixei as presilhas e, quando ativei o traje, ele se moldou ao meu corpo. O cabo do bastão se encaixava no formato da minhas mãos, onde eu havia segurado em momentos de desespero. O visor e a unidade de processamento eram as partes vitais, o sistema nervoso que fornecia todas as informações de que eu precisava.

Tudo ainda cabia perfeitamente, mas eu tinha esquecido que aquele traje era tão pesado.



Há coisas que a gente só entende depois de voar. Essa possibilidade abriu novas perspectivas para todos nós da equipe de ataque. Lena tinha sido piloto, e Winston veio da Lua em sua nave espacial. Lembro que os astronautas diziam que nossa maneira de pensar muda depois que vemos a Terra do espaço pela primeira vez. Mas nenhum deles voava como eu.

Abaixo de mim, o Cairo se estendia no horizonte, uma cidade verde que estava perdendo a cor após uma década de conflitos. Novas instalações de agrotecnologia ao longo do Nilo começavam a devolver vida ao rio. Em suas margens, havia painéis solares e enormes baterias que armazenavam mais energia do que o necessário para abastecer o país. A civilização havia prosperado graças às águas do rio, e nem mesmo eu acreditava que a situação atual fosse

durar para sempre. Montando guarda acima da cidade, havia as pirâmides, que permaneceriam erguidas até os tempos imemoriais.

À sombra delas, um campo de batalha.

Nós três nos dirigimos ao local do ataque. As unidades da Helix Segurança travavam um confronto violento com as tropas da Talon. Aquelas naves vermelhas e pretas que pairavam como abutres. Do alto, eu podia vê-los acionando os jatos de suas unidades blindadas Raptora. Não me preocupei com eles: tinham os próprios médicos para socorrê-los. Mas estremeci ao observar a destruição causada pelo disparo dos foguetes. Abaixo de mim, os dois velhos soldados cruzavam as ruas escuras. Me surpreendi ao perceber que, mesmo com a jaqueta azul e vermelha, não era fácil detectar o Morrison. Era estranho vê-lo assim. Ele nunca tinha usado subterfúgios antes. Se não fosse pelo scanner da Valquíria, eu não conseguiria enxergá-lo.

Mas, para mim, as batalhas sempre foram como um borrão. Ataques, posicionamentos, táticas. Tudo vira um zumbido na minha cabeça. Deixo isso para os outros. Tenho que me concentrar na minha própria tarefa: salvar vidas. Os civis tentavam evacuar a área. A tela do meu visor estava pontilhada com os sinais de vida daquelas pessoas, uma confusão insistente e escandalosa que eu precisava tentar compreender. Isolei o Jack e a Ana enquanto eles trocavam disparos com os soldados da Talon.

Eu nunca quis ser a Mercy. Foi uma tarefa jogada em minhas mãos. O traje Valquíria servia para comprovar um argumento: minha tecnologia funcionava. Mas eu sabia como os outros me enxergavam. Sabia que meus companheiros me queriam ao lado deles. E então, pouco a pouco, a Dra. Ziegler foi desaparecendo, e Mercy assumiu o comando.

Morrison avançava de maneira imprudente enquanto Ana observava do alto. Os soldados da Talon, com suas máscaras vermelhas e brancas, estavam por toda a parte, investindo contra os soldados de azul da Helix. De repente, uma série de explosões rasgou o céu noturno, e meu olhar se fixou em uma massa enegrecida,

mais escura que a noite. Uma figura encapuzada surgiu dali. Uma descarga de tiros explodiu do centro da escuridão, e os dois velhos soldados correram para se proteger, fora do meu campo de visão.

“O que é isso?” Respirei fundo.

“Gabriel.”

Estremeci com a intensidade da voz de Jack em meus ouvidos. Uma infinidade de perguntas invadiu minha mente, mas, naquele momento, tive que deixá-las de lado. “Não é com isso que devemos nos preocupar, Morrison. Precisamos salvar os civis”.

“Isso é trabalho seu, doutora. Esse é o nosso.” O comunicador ficou em silêncio.

Observei os dois serem sugados pela névoa densa, com Morrison disparando na frente e Ana, cautelosa, dando cobertura.

Mas ele estava certo. Eu não podia me preocupar com eles, precisava focar no meu próprio trabalho.

A Talon não se preocupava com os inocentes e civis nem com as construções locais, e as forças da Helix Segurança, pouco mais do que mercenários, não eram muito melhores. Foguetes cruzavam o ar, e os edifícios eram destruídos. As pessoas tentavam fugir, aterrorizadas.

Meu visor apitava insistentemente: havia sinais de vida em algum lugar abaixo de mim, mas eu não conseguia ver nada. Agindo por instinto, mergulhei de cabeça na fumaça espessa. Ela fustigou os meus olhos, mas, aos poucos, as lentes de contato começaram a filtrá-la. Um vislumbre pálido atraiu meu olhar entre as camadas de neblina e poeira. Ativando o sistema de manobra da Valquíria, adentrei a cortina, tentando manter um ponto fixo na minha cabeça conforme me embrenhava naquele miasma. Fiz uma descida vertiginosa, e a fumaça foi se dissipando. Pude ver mais uma vez: a silhueta de uma garotinha de camiseta

branca e cabelo castanho. Ela me lembrava tantas crianças do passado. A guerra era a mesma em qualquer lugar: os soldados lutavam pela sobrevivência, vitória e glória, mas os inocentes eram pisoteados por suas botas.

A garota acenou quando me viu, tentando desesperadamente chamar a minha atenção. Desci rapidamente em meio à fumaça e pousei entre os destroços dos andares superiores do edifício.

“Não se mexa”, pedi. “Sua perna está presa?”

Ela assentiu. Estava resignada, exausta, e seu olhar clamava por ajuda.

Esse tipo de cena havia marcado minha infância. Famílias eram separadas quando as pessoas tentavam fugir da devastação. Eu me lembro de vizinhanças inteiras sendo destruídas por ataques-surpresa na calada da noite. Não conseguíamos enxergar a lua nem as estrelas, somente as luzes vermelhas que piscavam de maneira sinistra e as silhuetas que pareciam mais escuras que o céu noturno, e que logo desapareciam com os clarões das explosões. Não dava tempo de fugir para os abrigos. Era preciso se esconder onde quer que estivesse. O barulho era ensurdecedor. A fumaça, sufocante. O medo, paralisante.

“Vou tirar essas coisas de cima de você, tá? Não vai demorar.” Fiz o máximo que pude para tranquilizá-la.

Ela assentiu novamente, com os olhos muito arregalados.

Comecei a retirar os grandes pedaços de concreto que soterravam parcialmente a menina. Seria bom ter a ajuda de alguém. Winston, Reinhardt, Sojourn ou Genji seriam perfeitos para a tarefa. Na Venezuela, tivemos que ajudar pessoas soterradas após uma tempestade arrasadora. Eu não teria conseguido fazer nada se não fosse pela força do traje Valquíria.

“Você é a...”, murmurou ela quando finalmente me reconheceu. Sua postura havia mudado, e eu coloquei a mão em seus ombros para impedir que se movimentasse rápido demais. Não queria que a agitação e a adrenalina piorassem a situação.



“A pessoa que vai ajudar você”, terminei a frase por ela. Com um grunhido, puxei mais um escombros e joguei para o lado. “Querida que o Reinhardt estivesse aqui.”

“Reinhardt?”

“Um amigo meu”, expliquei. “Grande, forte. Não para de falar.” Minhas asas se retesaram quando puxei com força o último pedaço de concreto. Ajudei a garotinha a se levantar. Seu rosto estava sujo de fuligem e poeira, exceto pela linha fina por onde as lágrimas tinham corrido.

“Qual é o seu nome?”, perguntei.

“Hanan”, respondeu ela timidamente.

“Vou escanear o seu corpo para ver se está tudo bem”, falei para ela. Hanan parecia hesitante, mas ficou parada como uma estátua quando a onda azul-clara do módulo de escaneamento da Valquíria passou por ela. Nenhum osso quebrado. Parecia que ela ficaria bem. Estava com cortes e alguns arranhões que sangravam, mas isso poderia ser resolvido com facilidade.

Peguei o bastão e me ajoelhei ao lado dela. Ativei o fluxo biótico, e o bastão emitiu um brilho dourado suave que rodeou a menina, cintilando levemente como a luz do sol. Pequenas partículas, como grãos de poeira dourados, pousaram no corpo de Hanan. Ela ficou fascinada e deu um passo para trás, como se tivesse

colocado as mãos muito perto do fogo. “Pode esquentar um pouco”, avisei. “Me avise se ficar quente demais.”

Ela assentiu e observou admirada seus cortes se fecharem. “Parece mágica”.

“Ciência”, expliquei, sorrindo. “Muito melhor do que mágica. Já ouviu falar de nanobióticos?”

“São... máquinas pequenininhas?” Ela fez um movimento com as mãos, como se espantasse uma nuvem de insetos.

“Mais ou menos”, respondi com uma pontada momentânea de decepção por uma tecnologia que poderia ter revolucionado os tratamentos ao redor do mundo ser praticamente desconhecida. Mas havia preocupações maiores. “Vou explicar para você. Mas, primeiro, precisamos ir para um lugar seguro.”

“Não podemos ir embora!”, exclamou Hanan. “Meu irmão está soterrado. Precisamos ajudar! Todo mundo foi embora. Não quiseram esperar.” Eu ainda podia ouvir disparos nas ruas. O som dos morteiros rimbombava, acompanhado pelo zumbido de armas automáticas. A situação ainda era extremamente perigosa, e eu não queria que Hanan ficasse exposta por mais tempo que o necessário. “Por favor.”

Eu não podia deixar o irmão dela para trás. Tentei encontrá-lo com o scanner da Valquíria, mas a interferência elétrica dificultava a identificação visual e por radar. “Não posso deixar você aqui, então vai ter que vir comigo.”

Hanan assentiu. O prédio em que nos encontrávamos tinha sido atingido diversas vezes. Forcei a porta e descemos a escada. Quanto mais descíamos, mais a fumaça nos rodeava. Rasguei um pedaço da minha saia e improvisei uma máscara para a menina. Os alarmes soavam desesperadamente, e as luzes piscavam e iluminavam a área. Quando saímos da escada para o corredor, o chão crepitou. Atravessamos os corredores e, ao nos aproximamos, consegui detectar outro sinal de vida. Uma porta pesada nos separava dele. Empurrei-a com o ombro e forcei-a até abrir.

Dentro do apartamento, um garoto mais velho, de camisa vermelha e lenço amarelo, estava caído no chão. Seu braço estava virado em uma posição estranha, e eu suspeitava que estivesse fraturado. Ele parecia estar perdendo a consciência.

“É você, Hanan?”, perguntou ao ouvir nossos passos se aproximando, mas seus olhos estavam desfocados, voltados para o teto.

Hanan correu para o lado dele e engoliu o choro, temendo o pior. “Sim, sou eu. Eu trouxe ajuda.”

“Isso mesmo”, eu me ajoelhei ao lado do menino. “Vamos tirar você daqui.” Minha preocupação é que ele estivesse em estado de choque. Eu não podia mexer nele até remendar alguns de seus ferimentos. Por ora, a cura biótica amenizaria a situação. Assim como Hanan, ele foi envolvido pelo brilho dourado, e, lentamente, seu peito parecia irradiar aquela luminosidade. Pouco a pouco, sua respiração ficou estável. Me virei para Hanan.

“Certo. Vou tirar você e seu irmão daqui.”

Hanan assentiu. O menino estava olhando para mim, os olhos arregalados de medo.

“Como está se sentindo?”, perguntei enquanto o examinava com as imagens por sonar da Valquíria. O truque era fazê-lo continuar falando, mantê-lo concentrado em qualquer outra coisa que não os próprios ferimentos.

“Está doendo”, soltou. Quando seu olhar encontrou o meu, ele me reconheceu e seus olhos se arregalaram. “Você é a Mercy. Já tinha visto uma foto sua.”

“Isso mesmo.” A descoberta não me incomodou. Eu sabia que, em momentos assim, a Mercy era útil. Com isso, o irmão de Hanan ficaria desperto. “Então, não se preocupe, vou tirar você daqui.”

“Meus pais não gostam muito de você.” Ele parecia envergonhado.

“Quando vocês se encontrarem mais tarde, pode falar bem de mim para eles?” Eu sorri.

A expressão dele mudou, como se estivesse com medo de ter dito algo que me ofendesse. “Pode deixar!”, respondeu com sinceridade, assentindo, mas até mesmo aquele mínimo esforço parecia intensificar a dor.

“Certo, a situação é a seguinte: precisamos tirar vocês desse prédio. Acha que consegue andar?”

“Acho que sim... Talvez.”

“Sem problemas”, afirmei. “Vamos bem devagar. Hanan e eu estaremos ao seu lado.”

Ouvi o som característico do disparo de um morteiro. “ABAIXEM-SE!”, gritei enquanto agarrava Hanan e mergulhava para cima do irmão, fazendo o possível para proteger os dois com o meu corpo e as asas abertas da Valquíria. A parede implodiu, mandando concreto e vidro por todo o lado, açoitando minha armadura.

Uma chuva de destroços caiu do teto em cima de mim. Eu cambaleei, e o acolchoamento e a armadura do traje suportaram a força do impacto. Quando tudo parou, me levantei, lembrando a mim mesma de agradecer ao Torbjörn por ter feito um trabalho tão bom. “Está todo mundo bem?”

Não houve resposta, então tive que ver com meus próprios olhos. O visor do traje estava caído. Quando me levantei, ouvi um tilintar vindo de uma das asas. Estava quebrada. Eu me sentia abatida, e o esforço físico começava a me afetar. Hanan olhou para mim, toda encolhida, os olhos arregalados e aterrorizados. Seu irmão não estava se mexendo. O choque pelo impacto foi demais, e ele desmaiou. Não dava para ver o que estava acontecendo lá fora. Era como se estivéssemos soterrados nas profundezas da Terra. Os sistemas da Valquíria não funcionavam. Para todos os efeitos, estávamos presos.

Comecei a suar frio. Era como se as paredes se aproximassem cada vez mais de nós. Foi assim que meus pais se sentiram em seus últimos momentos, quando o hospital foi bombardeado? Será que eles estavam juntos? Sabiam o que estava acontecendo? Pelo bem deles, eu esperava que não. Não podíamos ficar

parados: o prédio gemia, como se estivesse moribundo. Também poderia haver um incêndio. Asfixia. Desabamento. Outra explosão.

Só havia uma saída para nós.

Amarrei o bastão às costas, peguei o menino no colo e fui caminhando cuidadosamente até a saída. “Siga-me, Hanan. E tenha cuidado.” Percorri um corredor, depois outro, evitando as rachaduras no chão. Enfim, nos aproximamos da entrada principal, mas uma série de explosões fez o prédio tremer, e eu podia ouvir as paredes estalando. “Corra!”, gritei para Hanan. “Corra até a porta!”

O prédio ia desabar.

Eu me senti culpada por nem saber o nome do irmão dela, jogado em meus braços. Corri pelo chão desnivelado, pulando as fendas, mas eu não ia conseguir. As paredes, o prédio, o mundo à minha volta estava desmoronando. Meu cérebro buscava saídas, mas não encontrava nenhuma. Às vezes, quando não há opções, fica mais fácil tomar uma decisão. Tudo que eu podia fazer era tentar salvar aqueles que estavam sob meus cuidados.

Me joguei sobre o irmão de Hanan quando o prédio inteiro caiu à minha volta, desabando em minhas costas e me lançando ao chão.

O mundo ficou escuro.

Quando tudo clareou novamente, ouvi uma voz me chamando. Um peso enorme saiu de cima de mim. Sob o meu corpo, o irmão de Hanan... Qual era o nome dele? O traje Valquíria insistia que ele estava bem. Tão bem quanto poderia.

“Hanan”, chamei atordoada, mas não obtive resposta.

Tossindo, me levantei devagar. Os detritos rolaram pelas minhas costas. Um braço forte me segurou. Era o Morrison. Sem a máscara, ele parecia humano de novo. O rosto de Jack estava coberto de fuligem e poeira, exceto onde a máscara havia estado, e sua jaqueta agora exibia mais alguns buracos.

“Angela. Precisamos sair daqui”, avisou ele.

“A menina...”, falei com esforço.

“Ela está comigo”, a voz de Ana surgiu no meio da neblina. Ela estava sondando a área, minuciosa como um gato atrás da presa. “Está na hora de ir.”



Passei o resto do dia para cá e para lá, examinando uma infinidade de pacientes que havia se ferido no ataque, incluindo policiais, agentes da Helix e socorristas. Não havia médicos, camas e tempo suficiente para tanta gente. No fim do dia, eu estava exausta, entorpecida e sobrevivendo unicamente à base de café.

Quando finalmente consegui dar uma pausa, o sol já tinha se posto no horizonte, e uma brisa noturna se apossou do acampamento. Jack e Ana vieram me ver. Não estavam mais de máscara, mas a memória ainda estava fresca na minha mente.

“Para onde vão agora?”, perguntei a eles. Cada um carregava uma grande sacola.

“Gabriel esteve aqui. Precisamos segui-lo”, respondeu Jack.

Eu ainda não havia tido tempo de processar as coisas que vi no campo de batalha e considerar o que tudo significava. “Ele sobreviveu?”, perguntei, chocada com o absurdo da situação. Mas, depois, estremeci. O dia já tinha sido marcado por mortes demais.

“Velhos soldados não são fáceis de matar”, Jack suspirou. “Gabriel liderou o ataque. Precisamos seguir a trilha dele enquanto ainda é possível. Parece que ele foi para algum lugar na Europa. É para onde estávamos indo antes de passar por aqui. Talvez vejamos alguns velhos amigos.”

“Bem, boa sorte. Espero que encontrem... o que quer que estejam procurando”, eu disse.

“Você poderia vir com a gente. Sua ajuda seria muito bem-vinda.” Pelo tom de Morrison, eu sabia que nem mesmo ele acreditava que eu aceitaria a proposta.

“Eu não posso permanecer aqui, mas também não posso ir com vocês.”

Balancei a cabeça. “Vamos tomar direções diferentes.”

“Só o tempo dirá”, afirmou Morrison. “Boa sorte, Angela. E obrigado pelos kits médicos.” Ele sorriu e, brincando, bateu continência antes de ir embora, colocando a sacola nos ombros. Ana permaneceu ali por um tempo, e nós assistimos juntas à partida de Jack.

“Estamos todos lutando pela mesma coisa”, comentou ela, colocando a mão no meu ombro.

“Nós nunca lutamos pela mesma coisa, Ana”, contestei. “Eu nem gosto de lutar.”

“Talvez não, mas, mesmo assim, continuamos lutando. Jack pode não ser o mesmo idealista que era quando mais novo, mas ele continua sendo cabeça-dura.” Ela suspirou. “Quanto mais as coisas se afastam de nós, mais queremos nos agarrar a elas.”

“Ele não pode lutar contra o passado. Ele já deveria saber.”

“Acho que o Jack sempre encontrará algo pelo qual lutar. Ele precisa disso.” Ana semicerrou os olhos. “Toda geração tem sua guerra. A nossa já terminou. Por que continuamos a lutar? Por sangue, dinheiro, pelos reis e pelo nosso país, por justiça e por aquilo em que acreditamos. Nem sempre é no campo de batalha. Algumas guerras duram décadas, mas a nossa terminou em um segundo. Gabriel criou nossa equipe para salvar a humanidade, mas ele não conseguiu reerguê-la. Adawe e os outros pensaram que Morrison conseguiria. Afinal, ele se encaixa no papel. O herói de guerra. Benevolente, corajoso, confiante, diplomático. Mas, no final das contas, era só um soldado. E eles só sabem viver de uma única maneira. A gente não pode mudar o mundo, só salvá-lo.”

“É para isso que o resto de nós estava lá”, afirmei.

Ana concordou com uma expressão triste. “Nunca aprendemos a deixar aqueles que nos seguiram assumir a luta. Não fomos feitos para a paz. Depois disso”, Ana indicou o tapa-olho, “pensei que ia me aposentar e viver uma vida

sosegada. Mas aqui estou eu. Você, Lena, Sojourn e os outros veem as coisas de um jeito diferente. Acho que finalmente entendo. Tudo que eu queria era deixar alguma coisa que servisse de inspiração para os outros.”

“Então por que não foi com o Winston? A vingança do Jack não é responsabilidade sua.”

“Idealismo é para os jovens, Angela”, explicou ela. “Tente não nos julgar. Quando você é chamado de herói pela primeira vez, é difícil abandonar essa alcunha.” Ela sorriu com tristeza. Não havia mais nada a ser dito. Depois de uns instantes, ela deu uma batidinha gentil nos meus ombros e foi embora, engolida pelas trevas.

Eu nunca aprendi a dizer adeus, apesar de ter passado por muitas despedidas, ditas e não ditas. As não ditas eram mais comuns e as que mais me assombravam. Agora que eu tinha uma segunda chance para isso, não conseguia encontrar as palavras certas. Eu havia me despedido em seus túmulos, o que pareceu mais definitivo do que vê-los partindo agora. Eu não imaginava que os veria de novo.



“Bom trabalho, Mercy”, disse Mahmoud quando levantei a aba da grande tenda que usávamos como uma espécie de recepção. Ele mal levantou os olhos da tela para me cumprimentar, digitando rapidamente, ocupado com o trabalho.

“Nem começa”, respondi.

“Desculpa.” Ele pareceu ficar levemente envergonhado com a minha repreensão, mas manteve um sorriso idiota no rosto. “Sabe que esperei muitos meses para chamar você assim.”

“Espero que tenha valido a pena.” Dei um suspiro. “Pode me dizer o que aconteceu com as crianças que eu trouxe?”

Mahmoud apertou algumas teclas. “Ainda estão esperando alguém as buscar.”

Isso me surpreendeu. “Os pais sabem que estão aqui?” Olhei para o relógio e percebi que estava muito mais tarde do que eu imaginava. “Já se passaram horas.”

Pela expressão de Mahmoud, ele não queria responder à minha pergunta.

Ah.

Por fim, ele anunciou: “Os pais deles morreram no ataque. Estamos tentando localizar o parente mais próximo.”

Um dia, eu fui a menininha que estava esperando os pais voltarem. Nunca me esqueci da voz do policial que veio dar a notícia, mas não consigo me lembrar do rosto dele.

“Dra. Ziegler?”, perguntou Mahmoud. “Está tudo bem?”

Percebi que estava enxugando uma lágrima no canto do olho, sob os óculos. “Só estou cansada.”

“Você fez um bom trabalho. As crianças nunca teriam sobrevivido sem você para encontrá-las e tirá-las daquele prédio.”

“Alguém tinha que fazer isso”, murmurei e me retirei da tenda, me sentindo confinada e claustrofóbica.

Com a chegada do crepúsculo ao planalto de Gizé, as tendas onde tratávamos os feridos, enfileiradas com precisão militar, com a lona branca refletindo a última luz do dia, pareciam mastabas que haviam sobrevivido à exposição ao vento e ao sol durante milênios, sem perder a forma original. Os antigos egípcios que habitavam as tumbas próximas haviam passado a vida e a morte à procura da vida eterna, sem sucesso. No espaço entre uma tenda e outra, fiquei observando Hanan e o irmão. Ele estava deitado em um casaco, enquanto Hanan, sentada ao seu lado, tentava animá-lo.

As palavras de Ana me vieram à cabeça. Nos últimos anos, pensei que minha luta tivesse sido um fracasso. Quando me lembrava do dia em que estive no escritório do Morrison e decidi entrar para a Overwatch, eu me perguntava se

algum dia voltaria a ser otimista como era antes. Mas eu sabia que o fogo que queimava dentro de mim naquela época nunca tinha se apagado. O conflito, a dúvida e a controvérsia desgastaram a ampla reserva de heroísmo que um dia eu possuí. Eu imaginava que, depois de gasta, ela não poderia ser recuperada. Mas todos nós precisamos enfrentar nossas crises e desafios diários. De tempos em tempos, nosso espírito de luta desvanece, mas, no final, ele sempre volta. Enquanto observava Hanan abrir os braços como se fossem asas, percebi que minha batalha estava longe de acabar.

Heróis nunca morrem.







**BLIZZARD**<sup>®</sup>  
ENTERTAINMENT

© 2019 Blizzard Entertainment, Inc.  
Todas as marcas comerciais aqui mencionadas  
pertencem aos seus respectivos proprietários.